# ICONOGRAFIAS DE ARTE COLONIAL EM MARFIM: Abordagens, tipologias, e metadologias de pesquisa

*ICONOGRAPHIES OF COLONIAL ART IN IVORY: Approaches, typologyes,and research methodologies*

*ICONOGRAFÍAS DEL ARTE COLONIAL EN MARFIL: Aproximaciones, tipologias, y metodologias de investigación*

**Jorge Lúzio***

**RESUMO**
Iconografias de arte colonial em marfim correspondem a esculturas produzidas em presas de elefante (marfins lavrados), majoritariamente oriundas de animais africanos, cuja caça e práticas mercantis potencializaram-se pelos reinos ibéricos no período colonial, entre os séculos XVII, XVIII e XIX, nas demandas europeias pelo comércio de marfim como matéria-prima de grande valor comercial. Adentraram no Brasil, predominantemente, como esculturas votivas e obras de arte, integrando-se aos acervos de arte sacra e ao colecionismo. A partir dos estudos multidisciplinares mais recentes e das novas abordagens históricas e científicas, os acervos iconográficos e as manufaturas em marfim apontam para novas leituras, reflexões e problematizações que articulam a História da África e a História Ambiental, somando-se à Museologia, aos Estudos da Imagem e à História Social da Arte, enquanto campos de pesquisa que concentram os diversos estudos sobre a erboraria.
**Palavras-chave:** História da África; História Social da Arte; Iconografia; Marfim.

ABSTRACT
Iconographies of colonial art in ivory correspond to sculptures produced in elephant tusks (carved ivories), mostly from African animals, whose hunting and mercantile practices were strengthened by the Iberian kingdoms in the colonial period, between the 17th, 18th and 19th centuries, in the European demands for the ivory trade as a raw material of great commercial value. They entered in Brazil predominantly as votive sculptures and works of art, becoming part of the sacred art collections and collecting. From the most recent multidisciplinary studies and new historical and scientific approaches, the iconographic collections and ivory manufactures point to new observations, reflections and problematics that articulate the History of Africa and Environmental History, in addition to Museology, Image Studies and the Social History of Art, as research fields that concentrate the different studies about ivories.
*Keywords:* Histoy of Africa; Social History of Art; Iconographie; Ivory.

*RESUMEN*
Las iconografías del arte colonial en marfil corresponden a esculturas producidas en colmillos de elefante (marfiles tallados), en su mayoría de animales africanos, cuyas prácticas cinegéticas y mercantiles fueron fortalecidas por los reinos ibéricos en el período colonial, entre los siglos XVII, XVIII y XIX, en el demandas europeas para el comercio de marfil como materia prima de gran valor comercial. Entraron en Brasil predominantemente como esculturas votivas y obras de arte, pasando a formar parte de las colecciones y coleccionismo de arte sacro. A partir de los más recientes



* Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, com estágio doutoral na Universidade de Évora, com pós-graduação em Arte e Cultura Barroca (Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP / MG), atua na História Social da Arte e da Cultura, e no Ensino de História. Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Curso de História, Campus dos Malês.

estudios multidisciplinarios y nuevos enfoques histórico-científicos, las colecciones iconográficas y las manufacturas de marfil apuntan a nuevas lecturas, reflexiones y problematizaciones que articulan la Historia de África y la Historia Ambiental, además de la Museología, de la Imagen y la Historia Social del Arte, como campos de investigación que concentran los diferentes estudios sobre la erboraria.
*Palabras-clave:* Historia de Africa; Historia Social del Arte; Iconografia; Marfil.

## INTRODUÇÃO

A discussão que aqui compartilhamos decorre dos diálogos e das reflexões propostas durante as transmissões de duas apresentações ocorridas em 2021, em plataforma de *streaming,* sobre o tema dos Marfins na escultura devocional. Entre a mediação de debatedores e a participação do público *online,* a palestra intitulada "Descolonizando a arte colonial: o caso das iconografias talhadas em marfim", foi promovida pelo Museu de Arte Sacra da UFBA. No ensejo a equipe técnica do museu gentilmente nos cedeu registros fotográficos que foram exibidos ao longo da transmissão, e que estão entre algumas das imagens que ilustram este trabalho, uma imaginária com procedência de Goa – Índia Portuguesa[1].

Na mesma esteira da escultura devocional, a conferência "Iconografias de arte colonial em marfim: abordagens, tipologias e metodologias de pesquisa", organizada pelo Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, foi parte da programação do I Seminário Internacional da Escultura Devocional - 25 anos do Ceib. Ambas comunicações convergem neste artigo, que busca ampliar as perspectivas dos estudos interdisciplinares na cultura material e no patrimônio, além da interação com aspectos teórico-metodológicos, não usualmente desenvolvidos nos estudos da arte devocional, a exemplo das contribuições da Crítica Pós colonial e da Decolonialidade, para repensar os impactos das experiências coloniais na contemporaneidade e questões emergentes como as crises do Meio Ambiente. Ademais, os crescentes desafios impostos ao Ensino de História advindos dos debates contemporâneos, das linguagens digitais e das tecnologias de ensino, ou ainda pelas emergências de um pensamento crítico e global construído à partir das salas de aula da educação básica, no trabalho com as fontes históricas e os laboratórios de ensino e pesquisa, encontram um diálogo promissor frente aos acervos de cultura material.



Desse modo o texto propõe um entendimento do Marfim como uma categoria histórica em seus percursos cronológicos, da Antiguidade à História Contemporânea. Claro está que as presas de elefante historicamente dispostas como mercadoria, concomitantemente tornou-se matéria prima para artefatos e manufaturas em sociedades africanas, asiáticas e europeias. Em sua subjetividade, na complexidade e nas simbologias dos seus usos e fins sempre esteve associado às figuras de poder. Há, ainda, a dimensão técnica das tecnologias de produção, bem como no restauro e na diversidade dos objetos, e não menos importante, muito ao contrário, está o Marfim presente nas articulações entre a Economia e a História Ambiental, a tangenciar as causas políticas em defesa dos animais.

Todavia o foco da cultura material em marfim, na delimitação das iconografias devocionais e sua intrínseca relação com os estudos coloniais e com a História da África, conduzirá o artigo que, entre as suas análises e sugestões, oferece ao final uma metodologia de pesquisa, na possibilidade de uma análise iconográfica para o caso das esculturas limitadas em seus dados de produção e circulação, ou com restrições de aporte documental, no que se explica o árduo trabalho de mapeamento destes objetosinstrumental pedagógico para as diversas áreas dos estudos em História e Museologia, além das suas contribuições para se repensar a Imagem e os fenômenos visuais, que não excluem as dimensões sociais e políticas, plasmadas nas visualidades ou nos caminhos por elas percorridos..

[1] Sou grato ao apoio permanente do Museu de Arte Sacra da UFBA, na pessoa do seu diretor, o Sr. Francisco Portugal, aos/às profissionais nos núcleos técnicos, Isabella Marques, Claudia Guanais, Elis Mota, Edjane Silva, pela cooperação e prestatividade, enfim, à toda a equipe, os meus mais sinceros agradecimentos.

Figura 1: Elefante africano (Eléphant d'Afrique oreilles déployées face à l'objectif; en toute liberté dans la savane, entre Mombassa et Nairobi au Kenya).

Fonte: Source gallica.bnf.fr / CIRAD. Johnson, Martin. Photographe. Eléphant d'Afrique oreilles déployées face à l'objectif / Martin Johnson. 1909.

No presente estudo, a delimitação das análises do ponto de vista da visualidade, reporta-se à triangulação de Goa, na Índia colonial em suas interfaces com Moçambique, por cujas rotas, potencializadas pelo Império português, intensificou o fornecimento de presas e sua comercialização, nos vínculos mercantis com as redes de têxteis e o mercado de escravizados, na pujante economia do Índico, cuja abrangência incluía da África austral ao sudeste asiático e os espaços do Pacífico, aos portos brasileiros da Bahia e do Rio de Janeiro. Contudo, duas outras grandes delimitações geográficas no continente africano constituíram zonas de circulação e de intenso comércio, de acordo com uma vasta produção bibliográfica. Na região da Senegâmbia e da Guiné até a Costa da Mina, (Figura 2) de cujos espaços coloniais articulados ao Atlântico emergiu uma nação emancipada do colonialismo francês em 07 de agosto de 1960, e que traz o marfim no seu nome – Côte d'Ivoire, ou Costa do Marfim, nota-se a relevância deste comércio e de suas circulações, largamente ampliadas pela presença portuguesa na costa da África ocidental desde os séculos XV e XVI.



Nas redes intracontinentais, os circuitos centrais em direção ao Sudão, ou no sentido sul, do Congo ao Loango, com escoamento em Angola, formam o outro grande núcleo de circulação de presas "in natura" (estado bruto), ou ainda lavrados, predominantemente como "mpungis", também conhecidos como olifantes (Carlos Almeida; Luís Urbano Afonso, José Horta, 2013), instrumentos sonoros bastante difundidos nas culturas da África Central, em seus sentidos de uso e de poder econômico, em contextos de onde destacam-se as discussões sobre as representações de África e dos africanos, como demonstram os trabalhos de Almeida (2020), ou seja, processos históricos em que se constatam como se deram as interações culturais e comerciais do marfim em seus espaços de origem, a exemplo do que Mariza Soares (2017) constatou. De todo modo, as pesquisas tem buscado, entre outros propósitos, trazer inovações que nos chegam em novos desafios, dentre os quais, o de compreender sobre as hipóteses dos vínculos e conexões (Wissenbach, 2021) destes três grandes circuitos africanos entre si mesmos, com as redes transcontinentais (Lúzio, 2021). São, portanto, investigações corroboradas em trabalhos de consistência, como em Bassani (1988), Mark (2007) e M'Bokolo (2011), e mais recentemente em Horta; Almeida; Mark (2021).

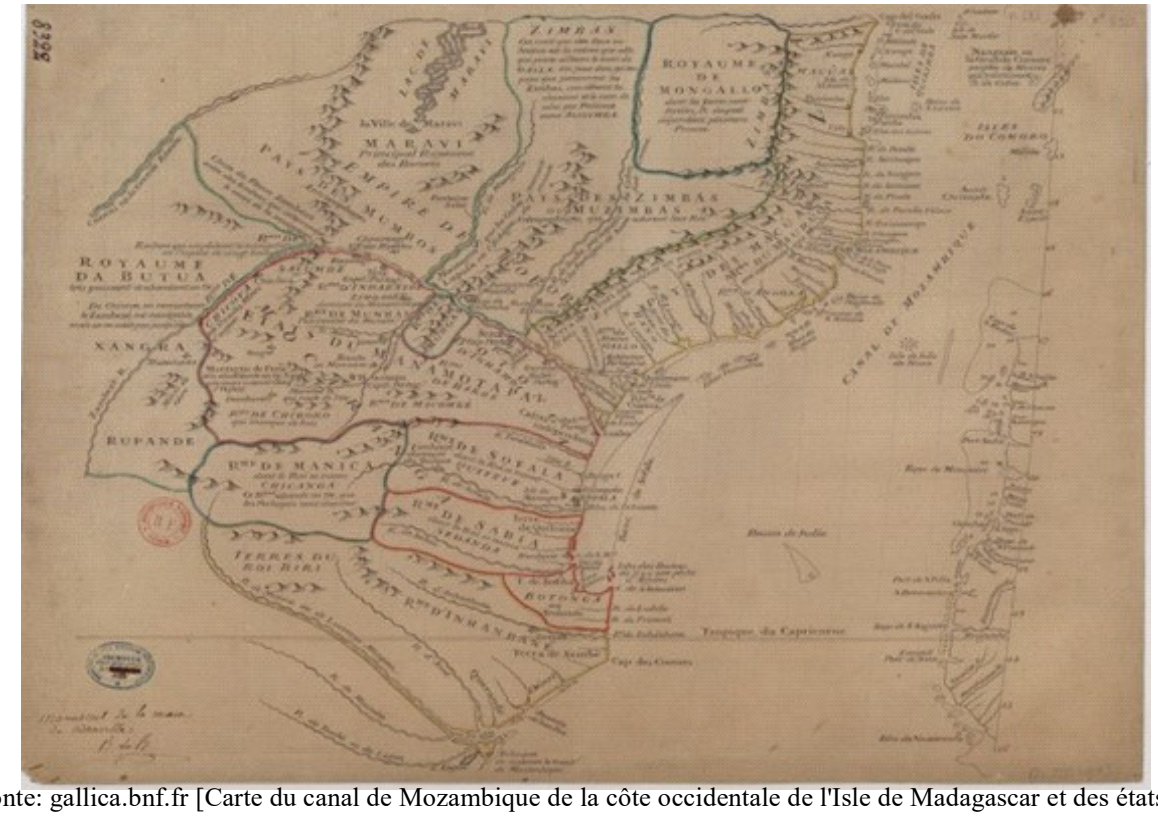
Figura 3 África ocidental (século XVII)

Fonte: gallica.bnf.fr - Carte [de l'Océan Atlantique] / faitte en Dieppe par Jean Guerard, 1631 Guérard, Jean (15..-1640). Cartographe

Em se tratando do núcleo da África oriental à partir de Moçambique (Figura 3) e de toda a extensão do Índico em suas conexões com o Atlântico (Almeida, 2003), com foco desde a Índia, tem se demonstrado que a terminologia criada no século XIX, historicamente empregada para definir as produções artesanais e a circulação de objetos em marfim, denominada nos contextos do Império Português como "luso-oriental" e suas subcategorias "indo-português", "cíngalo-português", "sino-português" e "nipo-português", integrantes do vasto agrupamento "ibero-oriental", que inclui a produção designada como "hispano-filipina", referente às circulações do Pacífico sob o controle de Castela, tornou-se por sua obsolescência, à luz da Crítica Pós-colonial, uma nomenclatura limitada, fragilizada pelos debates contemporâneos. A complexa engenharia mercantil presente nos sistemas destas produções, observadas desde a Antiguidade (França; Barboza; Quites, 2010) e o Medievo (Tatsch, 2020) e nos fenômenos visuais nelas encontrados, em seus aspectos históricos, artísticos, antropológicos, sociais e políticos direcionam novas abordagens conceituais, em suas problematizações. produção designada como "hispano-filipina", referente às circulações do Pacífico sob o controle de Castela, tornou-se por sua obsolescência, à luz da Crítica Pós-colonial, uma

tornou-se por sua obsolescência, à luz da Crítica Pós-colonial, uma nomenclatura limitada, fragilizada pelos debates contemporâneos. A complexa engenharia mercantil presente nos sistemas destas produções, observadas desde a Antiguidade (França; Barboza; Quites, 2010) e o Medievo (Tatsch, 2020) e nos fenômenos visuais nelas encontrados, em seus aspectos históricos, artísticos, antropológicos, sociais e políticos direcionam novas abordagens conceituais, em suas problematizações

Figura 4: Moçambique (século XVII) e Canal de Moçambique




Fonte: gallica.bnf.fr [Carte du canal de Mozambique de la côte occidentale de l'Isle de Madagascar et des états du Monomotapa]. [Partie sud] / [d'Anville, 17..] Anville, Jean-Baptiste Bourguignon d' (1697-1782). Cartographe



E ainda que a referida terminologia colonialista se concentre nas imagéticas das iconografias da cultura cristã, em difusão pelo projeto colonial, as ocorrências identificadas no marfim, plasmadas nas representações e no simulacro, refletem os seus percursos, desde o ambiente natural dos animais, ou em seu convívio social com as culturas locais (Figura 4), às oficinas de artefatos, passando evidentemente, por uma longa cadeia de interculturalidade, circulação e comércio, recolocando a cultura material e as artes visuais ebúrneas no campo dos estudos da Imagem. Notório observar nas esculturas devocionais, que, se materializaram as abstrações das religiosidades, todavia testemunharam os processos mercantis concomitantes, para citar a integração colonial África, Índia e Brasil (Muhana, 2003), entre interfaces e intercâmbios. Neste sentido, as reflexões sobre a produção de narrativas de conversão através da visualidade na imaginária religiosa ebúrnea, indica a relevância do discurso visual para os estudos sobre as iconografias em marfim, em releituras sobre o papel e o funcionamento das ordens religiosas e seus missionários na relação com as circularidades (Antunes, 2020) destes objetos nos espaços coloniais, em contextos de alteridade (Lopes, 2011).

Logo os processos históricos e as circulações, os fenômenos da Imagem e as interculturalidades religiosas pressupõem um entendimento do Marfim como uma categoria histórica, onde encontram-se problematizações multifacetadas além de desafios específicos sobre as análises na cultura material, desde a mercadoria (marfim bruto, *in natura*) em suas circularidades e às decorrentes produções iconográficas, aos ativos das cargas de presas na balança da economia colonial, e às questões da imagética.

Contudo não se esgota o percurso teórico-metodológico, haja vista as imprescindíveis interlocuções com a História da África, a História da Ásia e à História Ambiental (Bittencourt, 2003; Santos, 2005; Jorge, 2006; Dean, 1989; Thomas, 2010; Davis, 2002), considerando os acervos como fontes históricas nos estudos da Cultura e do Patrimônio, e no Ensino de História, em perspectivas críticas e decoloniais, face às ameaças de sobrevivência e extinção impostas às faunas africanas pelo sistema colonial e pelos obscuros mercados paralelos nas redes de tráfico de presas, cujos fluxos transcontinentais se alastraram ao longo da segunda metade do século XX.

Figura 5- Elefante asiático domesticado (Cambodja – século XIX)

Fonte: gallica.bnf.fr Cambodge. Phnom-Penh, promenade à éléphant (M. Verrier, inspecteur g[énéra]l) / [photogr.] A. S[alles] Salles, André (1860-1929). Photographe

## POSSIBILIDADES DE ANÁLISE ICONOGRÁFICA PARA AS ESCULTURAS VOCIONAIS DA ARTE COLONIAL EM MARFIM

A imaginária religiosa de arte colonial em marfim (Figuras 5 e 6), frequentemente é trabalhada no campo das artes decorativas, nas artes visuais e nas produções artesanais, na cultura e no patrimônio, à luz da Cultura Barroca no Brasil, onde encontram-se valiosos acervos de imagens, constituídos ao longo dos séculos XVIII e XIX na Bahia (Flexor, 1997), no Rio de Janeiro (Faria, 2004) e em Minas Gerais (Santos, 2017) no convívio com o barroco mineiro (Dias, 2020), com as produções artesanais e conjuntos iconográficos, de onde expandiram-se para os demais espaços brasileiros, do colecionismo aos acervos de museus. Tratando-se dos estudos sobre as iconografias religiosas da tradição cristã, as representações predominantes correspondem às imagens do Menino Jesus, de Crucificados, de conjuntos escultóricos da Sagrada Família, dos Santos e Santas, de figurações da Santíssima Trindade, e especialmente, das incontáveis representações marianas.

Há uma grande variedade técnica e estética nos marfins coloniais oriundos dos espaços portugueses ou hispânicos, em sua matriz devocional comum, a religiosidade católica ibérica. Esculpidos diretamente nas presas - lavrados, em policromia ou em estado bruto, ou através de montagens e encaixes quase sempre estruturadas em bases de madeira, algumas com acréscimo de metal na composição da escultura, por suas peculiaridades, constituem-se uma categoria própria nos estudos de arte colonial. O grande volume destes objetos nos acervos museológicos e nas coleções privadas determinou a criação de novas metodologias de análises iconográficas em função de imprecisões ou ausência de informações sobre datações, autorias e procedências. Desafios outros sobre a autenticidade de objetos atribuídos em sua origem no marfim, remetem ao uso correto do conceito: marfim refere-se exclusivamente às presas de elefantes, africanos ou asiáticos. A ressalva aplica-se às constatações, através de exames químicos, tecnologias de análises e métodos comparativos para uma avaliação da natureza dos objetos, na distinção entre marfim, das demais presas de outros animais, ossos e similares, utilizados na confecção e concorrência de produtos equivalentes, para corresponder às demandas do mercado da arte que viu no século XIX uma profusão das esculturas devocionais e objetos integralmente confeccionados em presas, ou de materiais compostos.



Figura 6 - Arte colonial em marfim – esculturas devocionais / MAS-UFBA

Fonte: Núcleo técnico do Museu de Arte Sacra da UFBA / edição - banco de imagens do autor

Figura 7 - Arte colonial em marfim – esculturas devocionais / MAS-UFBA

Fonte: Núcleo técnico do Museu de Arte Sacra da UFBA / edição - banco de imagens do autor

No intuito de se propor um método de análise e leitura visual para os objetos sem referencial técnico de origem, ou pela ausência dos dados e documentos que atestem o seu histórico, para fins de catalogação e arquivo, é possível, pela relevância ou pela originalidade da obra e por seu valor artístico, observa-lo como fontes de pesquisa multidisciplinar. No propósito de um instrumental técnico, artístico e pedagógico para os estudos em Cultura e Patrimônio, torna-se possível uma análise iconográfica concebida a partir das confluências de quatro critérios, propostos em etapas consecutivas:



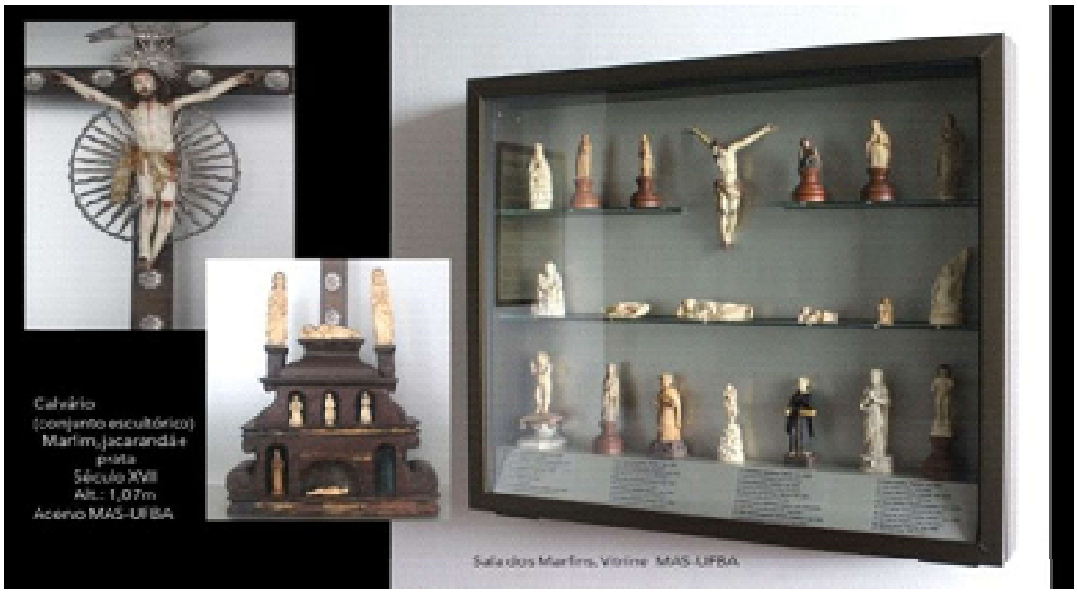
1 - A elaboração e avaliação de um laudo técnico voltado para a conferência da natureza da matéria-prima, na certificação da legitimidade do marfim utilizado e demais materiais, datações aproximadas, de acordo com a análise do profissional técnico especialista, cujas informações, mediante consenso de preservação e restauro, assegure a autenticidade ou falsificação do objeto, num caráter científico;
2 - O estudo comparativo das imagens, analítico e semiótico, em suas equivalências, correlações e similaridades a partir de referenciais de obras que forneçam subsídios para probabilidades de tipologias, autorias e datação, com fundamentação teórica e bibliográfica para a descrição do objeto;
3 - Mensuração e Registro das proporções (dados e medidas). Registro visual (fotografia digital) com produção de verbetes para a descrição das especificidades do objeto analisado;
4 - Formulação de uma base teórico-metodológica desenvolvida frente a métodos de pesquisa, como suporte para uma interpretação da Imagem, em sua função social e artística, na hipótese de identificação da procedência do objeto. Cruzamento das informações e análises preliminares com o referencial teórico, para a criação dos textos descritivos da escultura e de seus dados para fins de tombamento.

Desse modo, serão os estudos históricos, na perspectiva da História Social da Arte e da Cultura, voltado às matrizes culturais presentes no repertório iconográfico, a leitura elementar para a interpretação visual. A classificação das obras de arte colonial em marfim implica no comprometimento com os debates teóricos e a preservação do patrimônio artístico, a destacar as múltiplas contribuições destes objetos nos campos da História da África, História da Ásia, da História Ambiental, do Ensino de História, da Museologia, da Cultura e Patrimônio, e da História Social da Arte, entre outras áreas, enquanto práticas científicas escolar, das metodologias de pesquisa, às experiências de reflexão e contemplação proporcionadas pela Arte.

Figura 7: Arte colonial em marfim – esculturas devocionais / MAS-UFBA

Fonte: Núcleo técnico do Museu de Arte Sacra da UFBA / edição - banco de imagens do autor

Figura 8: Arte colonial em marfim – esculturas devocionais / MAS-UFBA




Fonte: Núcleo técnico do Museu de Arte Sacra da UFBA / edição - banco de imagens do autor



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção (CITES – em inglês), um acordo de cooperação internacional entre governos e organizações, tem como objetivo garantir que o comércio internacional de espécimes de animais e plantas silvestres não ameace e nem comprometa a sobrevivência dos mesmos. Para este fim, foi adotada uma resolução em 1963 numa reunião de membros da "The World Conservation Union". O texto da Convenção foi finalmente acordado em uma reunião de representantes de 80 países em Washington, DC, Estados Unidos da América, em 3 de março de 1973, e em 1 de julho de 1975 entrou em vigor. Os Estados signatários totalizaram 183 países. Em 1989 e, em convenção, ficou determinado a proibição do comércio de marfim. Entretanto, nas últimas três décadas um comércio clandestino, com grandes operações internacionais, manteve a circulação ilegal em circuitos de tráfico de marfim, ao redor do globo,com forte incidência no sudeste asiático. Mobilizações de ativistas e ONG's junto às políticas de Estado em países africanos, asiáticos e europeus, reforçaram as ações de combate. Cargas clandestinas apreendidas em portos e aeroportos foram incineradas, e os números de espécimes africanos nas savanas e ao longo do continente, lentamente voltou a se estabilizar. A relação destas conjunturas com o passado colonial é incontestável.

No entanto há também uma outra proteção e defesa a ser feita, a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural da humanidade, resguardada por entidades e instituições. E neste sentido as gestões públicas, as políticas de educação, cultura e ciência, e o trabalho cotidiano de conscientização social, constituem importantes mecanismos de trabalho para os profissionais, acadêmicos, artesãos e artistas, técnicos e cientistas, que protagonizam de proteção dos acervos, dos arquivos, da memória e da história, que a todos permeia. As coleções de iconografias em marfim integram estes tesouros de conhecimento. Suas ambiguidades, ambivalências e paradoxos, não são uma exclusividade da arte ebúrnea; há algo de mais contraditório do que a própria ordem econômica global, em suas escandalosas desigualdades? Certamente, e talvez esteja na centelha humana que em todos nós habita. Novos paradigmas de conhecimento, como as reflexões que este texto buscou suscitar não são escolhas epistêmicas, meramente. Talvez sejam estratégias da História a apontar caminhos, entre seus percursos e suas dicotomias.

**REFERÊNCIAS**

BASSANI, Ezio; FAGG, William. **Africa and the Renaissance: Art in Ivory**. Edited by Susan Vogel. New York/ Houston: The Center for Africa Art/The Museum of Fine Arts, 1988.

BITTENCOURT, Circe Maria. Meio ambiente e ensino de História. In: **História & Ensino**. Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo: Nobel, 1989.

DIAS, Marcos Horácio G. **O palácio de Deus e o templo do rei: santos e nobres na arte de Minas Gerais do século XVIII.** Osasco: Ramalho Edições Acadêmicas, 2020.

FARIA, Patricia Souza de. **Os marfins luso-orientais da Coleção Souza Lima.** In: Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2004, Belo Horizonte. Caderno de Resumos do Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Belo Horizonte, 2004.

FLEXOR, Maria H. O. **A religiosidade popular e a imaginária na Bahia do século XVIII**. In MACHADO, José Alberto Gomes, coord. Actas do III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Évora: Universidade de Évora, 1997.

FRANÇA, Conceição L.; BARBOZA, Kleumanery de M.; QUITES, Maria Regina E. **Estudo da tecnologia construtiva das esculturas em marfim.** In 19º Encontro da Associação Nacional de pesquisadores em artes plásticas. "Entre territórios" - 20 a 25/09/2010 - Cachoeira, Bahia, Brasil. P. 2639 a 2653. Disponível em:<http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/conceicao_linda_de_franca_2.pdf>. (Acesso em 18 de maio de 2022)

HORTA, José da Silva; ALMEIDA, Carlos ; MARK, Peter. **African Ivories in the Atlantic World, 1400-1900.** Marfins Africanos no Mundo Atlântico, 1400-1900. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2021.

JORGE, Janes. **Tietê: o rio que a cidade perdeu**. São Paulo (1890 1940). São Paulo: Alameda, 2006.

LOPES, Rui Oliveira**. Arte e Alteridade. Confluências da Arte Crista na Índia, na China e no Japão, sec. XVI a XVIII**. Doutoramento em Belas Artes (Especialidade em Ciencias da Arte). Tese orientada pelo Professor Doutor Fernando Antonio Baptista Pereira. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2011.

LÚZIO, Jorge. **Os circuitos de marfim na Índia e suas conexões transcontinentais nas redes afro-asiáticas**. In África, margens e oceanos: perspectivas de história social. Org.: REGINALDO, Lucilene; FERREIRA, Roquinaldo. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.p. 73-93

MARK, Peter. **Towards a reassessment of the dating and the Geographical origins of the LusoAfrican Ivories, Fifteenth to seventeeth centuries**. History in Africa, Cambridge, 2007, v. 34, p. 189-211.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e civilizações**. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Manuel Resende, revisada academicamente por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, 754 p.

MUHANA, Adma. **Brasil: Índia Ocidental**. São Paulo: Revista USP, n. 57, março/maio 2003

SANTOS, Milton. **A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar.** GeoTextos, Salvador, v. 1, n. 1, p. 139-151, 2005.

SANTOS, Vanicléia Silva; PAIVA, Eduardo França; GOMES, René Lommez. (orgs). **O comércio de marfim no mundo atlântico. Circulação e Produção (séculos XV a XIX).** Belo Horizonte: Clio, CEA/UFMG. 2017.

SOARES, Mariza. "**Por conto e peso": o comércio de marfim no Congo e Loango, séculos XV – XVII**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.25. n.1. p. 59-86. jan.-abril 2017. P 59-86

TATSCH, Flavia Galli. **Mobilidades, conexões, novos contornos. A circulação de artefatos em marfim nos séculos X-XIII.** Revista de História (São Paulo) [online]. 2020, n. 179 [Acessado 18 Maio 2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.23169141.rh.2020.161141>. Epub 23 Out 2020. ISSN 2316-9141. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.161141.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais** (1500 1800).

WISSENBACH, Cristina. **Conectando sertões e oceanos: trânsitos intracontinentais, vulnerabilidade social e centros de poder na África Central (segunda metade do século XIX, com especial referência a Katanga).** In África, margens e oceanos: perspectivas de história social. Org.: REGINALDO, Lucilene; FERREIRA, Roquinaldo. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.p. 141-177. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.